

# METODOLOGIAS DA PESQUISA EM HISTÓRIA

## RESEARCH METHODOLOGIES IN HISTORY

Tatiane Elias Garcia<sup>1</sup>

**Resumo:** Os textos exploram as obras de Hannah Arendt e Reinhart Koselleck, destacando suas perspectivas sobre a relação entre passado, presente e futuro, assim como o papel da memória e da história na experiência humana. Arendt enfatiza a importância da ação política e da aprendizagem com o passado para evitar erros históricos. Koselleck introduz as categorias “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” para compreender como as experiências passadas e as expectativas futuras moldam nossa percepção do presente. O texto de Hartog amplia a discussão sobre memória e história, mostrando como esses elementos se relacionam e influenciam mutuamente na interpretação dos eventos históricos e na construção da identidade individual e coletiva.

**Palavras chaves:** Ação Política, Espaço de Experiência, Identidade Individual e Coletiva, Hannah Arendt, História, Horizonte de Expectativa, Reinhart Koselleck, Memória, Passado, Presente, Futuro, Totalitarismo.

**Abstract:** The texts explore the works of Hannah Arendt and Reinhart Koselleck, highlighting their perspectives on the relationship between past, present and future, as well as the role of memory and history in the human experience. Arendt emphasizes the importance of political action and learning from the past to avoid historical mistakes. Koselleck introduces the categories “space of experience” and “horizon of expectation” to understand how past experiences and

---

<sup>1</sup> Formada em Pedagogia, possui algumas especializações na área da educação como Psicopedagogia Clínica e Neuropsicopedagogia, atualmente estou cursando mestrado em História pela UEG-Morrinhos.

future expectations shape our perception of the present. Hartog's text expands the discussion on memory and history, showing how these elements relate and influence each other in the interpretation of historical events and the construction of individual and collective identity.

**Keywords:** Political Action, Space of Experience, Individual and Collective Identity, Hannah Arendt, History, Horizon of Expectation, Reinhart Koselleck, Memory, Past, Present, Future, Totalitarianism.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho fundamentar-se-á nas obras: “Hannah Arendt: Entre o Passado e o Futuro”, “Espaço de experiência e Horizonte de expectativa: duas categorias históricas” e “Memória, história, presente” de Hartog, destacando suas temáticas centrais e sua importância na compreensão da relação entre passado, presente e futuro, bem como no papel da memória e da história na experiência humana.

Esses textos exploram perspectivas teóricas fundamentais para a compreensão da condição humana em diferentes momentos históricos. O texto “Hannah Arendt: Entre o Passado e o Futuro” concentra-se na filósofa política Hannah Arendt, sua análise do totalitarismo e sua ênfase na ação política como uma força transformadora. Através de sua obra, Arendt revela a importância de aprender com o passado e evitar a repetição dos erros históricos, ao mesmo tempo em que enfatiza a necessidade de uma esfera pública vibrante para a ação política autêntica.

Já os textos “Espaço de experiência” e “Horizonte de expectativa: duas categorias históricas” exploram as ideias de Reinhart Koselleck, historiador e teórico. Esses textos apresentam a distinção entre “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” como categorias fundamentais para compreender como as perspectivas individuais e coletivas são moldadas por contextos históricos específicos. Essas categorias fornecem uma visão mais profunda de como as experiências passadas e as expectativas futuras influenciam a forma como percebemos e agimos no presente.

O texto “Memória, história, presente” de Hartog amplia a discussão sobre a relação entre memória e história. Ele examina como a memória, como uma experiência subjetiva, e a história, como uma disciplina objetiva, se relacionam e influenciam mutuamente. A memória molda nossa compreensão do passado e do presente, influenciando a maneira como interpretamos eventos históricos e construímos nossa identidade individual e coletiva.

Esses textos fornecem uma base teórica sólida para a análise da relação entre passado, presente e futuro, bem como para a compreensão do papel da memória e da história na experiência humana. Eles nos convidam a refletir sobre como as experiências passadas, as expectativas futuras e a interpretação da história moldam nossa compreensão do mundo e influenciam nossas ações no presente.

## **Entre o Passado e o Futuro**

Hannah Arendt (1906-1975) foi uma filósofa política e teórica social alemã-judaica, conhecida por suas contribuições para o pensamento político e sua análise das questões fundamentais da humanidade. O texto “O conceito de História - Antigo e Moderno”, presente no livro “Entre o passado e o futuro” de Hannah Arendt, aborda de maneira científica a análise comparativa entre os conceitos de história na antiguidade e na modernidade. Arendt, renomada filósofa política do século XX, examina as diferentes abordagens e compreensões da história ao longo do tempo, fornecendo insights valiosos para a reflexão sobre a natureza da história e seu significado para a humanidade.

Na obra, Arendt parte do contraste entre a visão cíclica da história na antiguidade e a concepção linear e progressiva da história na modernidade. Na perspectiva antiga, a história era vista como um ciclo de repetição de eventos, sem uma noção de progresso ou sentido teleológico. Por outro lado, na modernidade, a história passou a ser entendida como uma narrativa linear de avanço e progresso, na qual os eventos têm uma direção e um propósito.

Arendt examina criticamente essas duas perspectivas e levanta questões sobre as implica-

ções e limitações de cada uma. Ela argumenta que a visão cíclica da história, embora possa parecer desprovida de propósito, permite uma maior compreensão da condição humana e da pluralidade de experiências. Por outro lado, a visão linear da história na modernidade pode levar a um determinismo histórico e a uma concepção teleológica que negligencia a liberdade e a imprevisibilidade da ação humana.

Além disso, Arendt discute a relação entre a história e o presente, enfatizando a importância de compreender e enfrentar os desafios contemporâneos à luz do passado. Ela destaca a necessidade de uma perspectiva crítica e reflexiva sobre a história, que permita aprender com os erros e buscar uma ação política autêntica no presente.

A abordagem científica de Arendt no texto é evidenciada por sua análise rigorosa das diferentes concepções de história, fundamentada em pesquisas e estudos acadêmicos. Ela apresenta argumentos embasados teoricamente, utiliza referências históricas e filosóficas, e estabelece conexões entre os conceitos discutidos. Sua abordagem científica contribui para uma compreensão mais aprofundada e crítica do papel da história na formação e no direcionamento da sociedade.

As questões abordadas por Hannah Arendt em suas reflexões, assim como por outros autores contemporâneos,<sup>23</sup> deixam transparecer um sentimento de desconforto relacionado aos acontecimentos que inauguraram e que continuam ocorrendo no mundo moderno. Arendt promove uma reflexão a respeito desse mundo construído sobre o pilar de conceitos forjados pela era moderna, que teve como característica principal a quebra de toda tradição filosófica anterior ao engendrar uma redefinição de conceitos fundamentais tais como os de ação, história e liberdade. Por sua vez, a redefinição desses conceitos influenciou e influencia até hoje a maneira como os homens olham o mundo e agem nele. Arendt se propõe uma reflexão sobre as implicações desse afastamento da tradição e, sobretudo, a respeito da situação contemporânea dos negócios humanos, o que nos permite um entendimento mais aprofundado da realidade humana atual e da maneira como o homem compreende a si mesmo.

Os acontecimentos mais marcantes do século XX, tais como a ascensão das ideologias fascista, nazista e comunista e o uso da ciência e tecnologia contra o homem, despertaram uma inse-

gurança em relação ao futuro e à ação no presente. Por intermédio do conceito de ação forjado pela era moderna imaginava-se que os mundos criados no futuro por essa ação seriam melhores a ponto de, para dar o exemplo de Hegel, permitir preservar o ser humano em sua universalidade por meio do reconhecimento entre todos os indivíduos. Quando as conseqüências de um mundo projetado e construído pela ação e pelo trabalho árduo têm o Holocausto como exemplo, esses ideais passaram a ser problematizados e questionados pelos que presenciaram tal experiência. Além de vítimas fatais e inocentes, ou mesmo por causa desta razão, essa concepção de ação provocou perplexidade tamanha a ponto de transformar o olhar do homem e suas expectativas em relação ao futuro. Este se transformou em algo amedrontador, para o qual as pessoas passaram a olhar com medo e desconfiança.

O moderno conceito de história advém, portanto, do moderno conceito de natureza. Na era moderna, houve a descoberta da história como uma nova ciência que deveria seguir os padrões da ciência da natureza. Aqui há o problema da objetividade científica do século XIX relacionado à imparcialidade. A imparcialidade homérica relacionava-se ao pressuposto de que as grandes coisas

A moderna idéia de história, estimulada pela dúvida acerca da realidade de um mundo exterior dado objetivamente a percepção humana como um objeto imutado e imutável, produziu como conseqüência a subjetividade, isto é, a sensação como mais real que o objeto sentido. Esta subjetivação é um aspecto ainda crescente da alienação do mundo. O homem em sua busca pela verdade e pelo conhecimento não pode mais confiar nem na evidência dada aos sentidos, nem na verdade inata da mente e nem na luz interior da razão.

A desconfiança nas faculdades humanas tem sido uma das condições mais elementares da época moderna e do mundo moderno. Para nosso conceito de história a versão positiva de subjetivismo teve conseqüências muito mais imediatas, pois, embora o homem parecesse incapaz de conhecer o mundo dado que ele não fez, devia ser capaz de conhecer ao menos aquilo que ele fez. Por isso, desde o século XVII a preocupação dominante da investigação científica são os processos sendo a atenção deslocada do o que para o como. E nesse contexto a história emerge como o grande processo feito pelo homem, o único processo global cuja existência deveu-se única e exclusivamente a raça humana.

No processo há a dissociação entre o concreto e o geral, entre o singular e o universal conferindo a seqüência temporal importância e dignidade que jamais tivera.

Em suma, o texto “O conceito de História - Antigo e Moderno” de Hannah Arendt, presente na obra “Entre o passado e o futuro”, oferece uma análise científica e reflexiva sobre as diferentes concepções de história ao longo do tempo. Por meio de uma abordagem crítica e fundamentada, Arendt estimula a reflexão sobre o significado da história, suas implicações para a ação política e sua relevância para a compreensão da condição humana.

## **Futuro passado**

O texto “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa: duas categorias históricas”, de Reinhart Koselleck, presente na obra “Futuro passado: Contribuição à semântica do tempo histórico”, oferece uma análise científica sobre duas categorias fundamentais para a compreensão do tempo histórico: o “espaço de experiência” e o “horizonte de expectativa”. Koselleck, renomado historiador e teórico, explora a relação entre essas categorias e seu papel na formação das perspectivas individuais e coletivas ao longo da história.

Koselleck argumenta que o espaço de experiência representa o conjunto de experiências vividas e conhecimentos acumulados por um indivíduo ou uma sociedade em um determinado momento histórico. Ele destaca que essa dimensão é moldada por fatores como contexto político, cultural, social e econômico. O espaço de experiência influencia a forma como os indivíduos percebem e interpretam o mundo ao seu redor, moldando suas perspectivas e ações.

Por outro lado, o horizonte de expectativa refere-se às expectativas e projeções de futuro que moldam a visão de mundo e as ações das pessoas em um determinado contexto histórico. Koselleck argumenta que o horizonte de expectativa é influenciado por fatores como aspirações políticas, avanços tecnológicos, mudanças sociais e culturais, entre outros. É por meio do horizonte de expectativa que os indivíduos projetam suas esperanças e aspirações para o futuro. Ao explorar essas

duas categorias, Koselleck destaca a sua interação dinâmica ao longo do tempo histórico. O espaço de experiência é constantemente afetado e modificado pelo horizonte de expectativa, assim como as expectativas futuras são moldadas pelas experiências passadas. Essa relação entre as duas categorias é fundamental para entender como as perspectivas individuais e coletivas são construídas e transformadas ao longo do tempo.

A abordagem científica de Koselleck no texto é evidenciada por sua fundamentação teórica, baseada em pesquisas e estudos acadêmicos. Ele utiliza exemplos históricos e contextos específicos para ilustrar e fundamentar seus argumentos. Sua análise se apoia em conceitos e teorias da história, proporcionando uma compreensão mais profunda das categorias do espaço de experiência e horizonte de expectativa.

Nos fatores que tange a dissolução da história magistra, instaura-se uma nova concepção acerca da história e do tempo nesse horizonte de debate. Com os eventos não mais se repetindo e, o passado não se constituindo como exemplo, o que de certo modo modificou a olhar e a interpretação dos historiadores para o passado, conforme Koselleck, alterou-se também o tempo da história.

Nota-se então, que anterior ao século XVIII há a sucessão de governantes e dinastias, que a partir da revolução francesa o tipo de governo e de mentalidade vai mudando, pois o que passa a determinar é a categoria de progresso no sentido de que não se tem mais que olhar a experiências do passado para não errar, pois agora o futuro é que importa. A partir desse novo tempo Koselleck coloca que continuamos vivendo a ideia do presente contínuo, pois o passado nem sempre é bom, ele tem que ser superado e não vivido novamente, é essa ideia de devir histórico.

Após a revolução francesa a história passa a ser o sujeito, ela passa ser a história em si, num sentido de coletivo singular nos quais vários fatos vão se concentrar num único conhecimento que é a própria história num sentido de novo tempo. Assim como muda o conceito de história, o objeto da história se transforma, surgindo assim o conceito de explicação histórica, os fatos passam a ter um elo de ligamento no qual se utilizam de métodos. A história nesse sentido caminha para algo que traz o progresso e o esclarecimento no qual os positivistas entenderam como superação do metafísico para

o científico. A filosofia da história passa a se preocupar com os fatos isolados, busca a singularidade dos processos históricos no qual se pode determinar um tempo histórico.

Nessa ideia de progresso, a história singular perde a capacidade de ensinar, deixa de ser o exemplo e passa a ser julgado em prol do progresso, tomamos como exemplo o tempo que se destitui do tempo natural e passa a ser contado mecanicamente nesse sentido de progresso tecnológico. Nesse sentido a função da história não deixa de olhar as experiências do passado, o que ela faz agora e um questionamento. A função da história passa a ser daquela que tem o papel de trazer uma explicação, uma lógica para os acontecimentos do passado, mostrando que há uma constante ruptura que traz o progresso que leva a novas experiências que transmite horizontes de expectativas que se identificam como futuro. Então é um passado superado em favor do futuro.

Essa nova história busca a verdade, mas é uma verdade que pode ser errada por conta de uma subjetividade ou um interesse. Ela busca novas fontes, segue métodos. E a partir desse novo conceito de história, se tem a ideia de especialização de história, no qual o historiador passa a buscar um lugar a partir dos métodos e de seu referencial. Surge o historicismo e a história metódica, passa-se a ter a junção entre o relato dos fatos e do acontecimento, inter-relação entre os espaços, institucionalização da história que recebe seu sentido fragmentado e determinação de uma lógica de processos históricos. Para tal, é tomado pelo autor duas categorias históricas, para denominar o que se busca entender aqui como tempo histórico. São as duas categorias meta históricas “espaços de experiências” e “horizontes de expectativas” que na pesquisa, mais precisamente, entrelaçam as temporalidades passado, presente e futuro. De acordo com Koselleck (2006), estas categorias são capazes de desvendar o tempo histórico, na medida em que enriquecidas com seu conteúdo, conduzem as ações substanciais no movimento social e político. Em exercício de tentar exemplificar, Koselleck diz:

A experiência da execução de Carlos I abriu, mais de um século depois, o horizonte de expectativas de Turgot, quando ele insistiu com Luís XVI que realizasse as reformas que o haveriam de preservar de um destino semelhante. O alerta de Turgot ao seu rei não encontrou eco. Mas entre a revolução Inglesa passada e a Revolução Francesa futura foi possível descobrir e experimentar uma relação temporal que ia além da mera cronologia. A história concreta

amadurece em meio a determinadas experiências e determinadas expectativas.(2006, p. 308–309)

Assim como a experiência, a expectativa se realiza no hoje, numa espécie de futuro presentificado, tratando-se um não experimentado, não acontecido, são sempre uma esperança, indicando sempre um presságio. “Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem” (KOSELLECK, 2006, p. 310). Neste âmbito, passado e presente, apesar de terem uma profunda relação, estes não se coincidem, ao passo que experiência são as ações passadas e horizonte, uma espécie de antecipação da mesma.

Em síntese, “[...] é a tensão entre experiência e expectativa que, de uma forma sempre diferente, suscita novas soluções, fazendo surgir o tempo histórico.” (KOSELLECK, 2006, p. 313) Essas categorias formais para Koselleck remetem a algo concreto, pois por si só elas não dizem nada, só existe na dependência de algo. Para o autor espaço de experiência e horizonte de expectativa como formal não é histórica e sim meta histórica, e ela só é forma quando existe as experiências de acontecimentos de várias épocas e coisas.

Para entendermos melhor essas duas categorias que se remetem ao tempo histórico, podemos observar que o que nós somos depende do que fomos tanto como indivíduos como também como coletivo. Nesse aspecto podemos observar que as experiências rompem com o buraco do presente, pois tudo o que fazemos no presente é decorrente de algo que planejamos antes, com isso observa-se que somos seres de projetos. Sendo dessa forma pode-se dizer que a capacidade de juntar e reestabelecer e conectar o respectivo e o retroativo demonstra que não há ação histórica sem acúmulo de experiência que nos leva a expectativa. Dessa forma essas duas categorias fazem parte do que chamamos de processo histórico. (KOSELLECK, 2006, p. 306).

Se o processo histórico é caracterizado por essa tensão de respectiva ou retrospectiva e prospectiva, então essa ciência histórica que se instaurou reflexiva com o advento da modernidade tem que levar essa situação elaborando categorias. Nesse aspecto não há então experiência sem expecta-

tiva nem expectativa sem experiência. A indissociabilidade entre retrospectiva e prospectiva, como coloca Agostinho: a perspectiva pode abranger o negativo, o meio, o receio e o temor, mas também pode abranger a experiência e o passado vivido, o futuro e o passado presentificado. Exposto isso observa-se que são duas categorias adequadas para ocupar o tempo histórico e para também tentar descobrir este tempo, pois está presente no processo histórico e no conhecimento deste processo.

Conforme Koselleck (2006) a experiência e expectativa embora indissociáveis são diferentes: a ideia de horizonte é que não alcança, quando alcança não é mais horizonte. A experiência é algo acumulado, ou seja a cada momento que passa ela é maior. Pode mudar a forma como analisar mais nunca mudar o que aconteceu. As expectativas pode mudar a qualquer momento, antes mesmo que aquele futuro se chegue, porque não remete a algo realizado. Pode-se observar então, que a expectativa pode se frustrar, pode se realizar, mas antes de ocorrer ela pode ser mudada.

Nessa perspectiva das categorias formais de espaço de experiência e horizontes de expectativa trazemos o Jornal O Brasil, que se demonstra um ótimo exemplo para explicitar tais categorias denominadas por Koselleck. Esse periódico vem abordar sobre um grupo da elite carioca que no seu espaço de experiência vivenciou o tempo do Segundo Reinado, a transição para República e estavam vivendo o presente Republicano com o horizonte de expectativa ligados ao anseio de retorno do Império.

O autor afirma que “O que se espera para o futuro está claramente limitada de uma forma diferente do que foi experimentado no passado”. (Koselleck, 2006, p.311) Os colaboradores do jornal queriam o retorno do império, isso é fato, porém eles queriam o que tinha de positivo, mesmo porque exploravam as questões ruins da república para poder desqualificá-la, como está explícito a seguir:

Eis a República. A pátria periga; e nós já chegamos um pouco atrasados, ao campo de ação. Fizemos mal em esperar tanto; esperamos por demais pela aurora da felicidade nacional, que os republicanos prolavam bestialmente. Vêem, pois esses perversos contendores que fomos legais, sinceros porque ainda os esperamos por espaço de seis anos. Agora – ao campo, á luta pela pátria. Agora que têm já gozado, satisfeito as suas ambições argentárias o perpetrado legalmente toda a sorte de abominações em nome da pátria e da

lei, têm também o dever de nos ouvir. E hão de deixar que estigmatizemos a república com os seus próprios feitos porque essa marca demonstrará aos nossos filhos o crime que ela carrega e lembra-lhes a vaidade tola de uns loucos que queriam realizar o que haviam sonhado(...) (JUNIOR, 1896, p.2)

As questões que não satisfaziam o que era tido como um governo ideal, isso podia ficar no passado, pois o que se esperava do futuro era apenas um país melhor.

Segundo Koselleck “das experiências se pode esperar hoje que elas se repitam e sejam confirmadas no futuro” (2006, p. 311). O periódico O Brasil queria tomar como exemplo o que vivera no passado para legitimar um possível futuro, mas como afirma Koselleck uma expectativa não pode ser experimentada de tal forma, visto que essa pode não se realizar. É o caso dos anseios do jornal que não se realizou, mas mostrou para a posteridade que a República não foi aceita por todos os cidadãos brasileiros, e que muitos tinham o desejo de retorno desse regime.

Apesar de espaço de experiência e horizonte de expectativas serem duas categorias formais, nota-se que elas constituem uma diferença temporal no hoje, na medida em que entrelaçam passado e futuro de maneira desigual. O que se vivenciou não pode voltar a ser como antes, pode acontecer de formas aproximadas, porém nunca iguais. O retorno do império poderia até ocorrer, mas não seria como antes, mesmo porque não estava vivo o antigo Imperador no ano de 1896.

Em suma, o texto “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa: duas categorias históricas” de Reinhart Koselleck oferece uma análise científica e rigorosa sobre a interação entre essas duas categorias essenciais para a compreensão do tempo histórico. Ao explorar a relação entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa, Koselleck contribui para uma visão mais aprofundada da formação das perspectivas individuais e coletivas ao longo da história. Sua abordagem científica fornece insights valiosos para a compreensão do papel do tempo e das experiências na construção do conhecimento histórico.

## **Regimes de Historicidade. Presentismo e experiências do tempo**

No texto “Memória, história, presente” de François Hartog, presente na obra “Regimes de Historicidade: Presentismo e experiências do tempo”, é apresentada uma análise científica sobre a relação entre memória, história e presente, explorando as diferentes perspectivas e abordagens desses conceitos e sua influência na compreensão da experiência humana ao longo do tempo.

Hartog inicia o texto discutindo as distinções entre memória e história. Ele argumenta que a memória é uma experiência subjetiva, baseada nas lembranças e vivências individuais e coletivas. A memória é construída a partir de narrativas pessoais e é influenciada por fatores como emoções, percepções e perspectivas individuais. Por outro lado, a história é uma disciplina objetiva que busca uma compreensão analítica e crítica dos eventos passados, utilizando métodos de pesquisa e análise.

O autor explora a relação complexa entre memória e história, destacando como a memória influencia a forma como a história é contada e interpretada. Hartog argumenta que a história é moldada pelas memórias coletivas, e a seleção e interpretação dos eventos passados são influenciadas pelas memórias presentes. A memória desempenha um papel fundamental na construção da identidade individual e coletiva, influenciando nossas percepções, interpretações e ações no presente.

Além disso, Hartog aborda a importância do presente na relação entre memória e história. Ele discute o conceito de “presentismo”, que refere-se à tendência de interpretar o passado à luz do presente, focando nas questões e preocupações contemporâneas. O presente molda nossa perspectiva e seleção dos eventos históricos, e a história é constantemente reinterpretada à medida que os contextos e as preocupações mudam.

O texto de Hartog baseia-se em uma abordagem científica e teórica, fundamentada em pesquisas e estudos acadêmicos. O autor utiliza exemplos históricos e teorias da memória e da história para embasar suas argumentações. Ele também aborda diferentes perspectivas teóricas sobre memória e história, proporcionando uma visão abrangente e crítica do tema.

Em suma, o texto “Memória, história, presente” de François Hartog oferece uma análise

científica e reflexiva sobre a relação entre memória, história e presente. O autor destaca como a memória influencia a forma como a história é interpretada e como o presente molda nossa perspectiva e seleção dos eventos históricos. A abordagem científica de Hartog contribui para uma compreensão mais aprofundada da interação entre memória, história e experiência humana ao longo do tempo.

## CONCLUSÃO

Em conclusão, os textos “Hannah Arendt: Entre o Passado e o Futuro”, “Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas” e “Memória, história, presente” de François Hartog proporcionam uma compreensão mais profunda e científica sobre a relação entre passado, presente e futuro, bem como sobre a importância da memória e da história na experiência humana.

“Hannah Arendt: Entre o Passado e o Futuro” oferece uma reflexão sobre a ação política autêntica e a importância de aprender com os erros do passado para evitar a repetição dos mesmos. Arendt destaca a necessidade de uma esfera pública participativa e vigilante para a preservação da democracia.

Percebemos no livro Futuro Passado, com a modernidade entra a questão de que para o futuro se espera algo melhor. Segundo Koselleck “só se pode conceber a modernidade como um tempo novo a partir do momento que as expectativas aumentam progressivamente” (2006, p. 314). A partir do periódico observa-se que o anseio pelo retorno somente aumentava a expectativa de que um dia o país seria melhor. Esse retorno ao antigo regime não ocorreu, mas as expectativas ligadas às experiências vividas nos tempos de primeira República continuou até a última publicação que tivemos acesso, como podemos ver a seguir:

Se todos os brasileiros soubesse conhecer os seus direitos e os sustentassem com essa energia de caráter coeso e justiceiro, nunca teríamos chegado ao lastimável estado em que nós achamos entregues. Nota-se porém que a energia não deve passar ao despotismo, bem como a obediência de um vassalo ao seu rei não deve (...) dar-se para servilismo. (JUNIOR, 1896, p.3)

Diante dos esboços apresentados, percebemos as mudanças ocorridas em torno das formas de se pensar o tempo histórico e, de quais formas a história foi se enquadrando nele, sobretudo pelas formas como passou a olhar o passado, fator este que exerceu papel crucial para uma nova reinterpretação da história, ocasionando na destituição do topos da história *magistra vitae*. Esta que embora, não fora extinguida no todo, contudo foi questionada pelos que se serviam dela como exemplos, como máxima, como a mestra da vida

“Memória, história, presente” de François Hartog destaca a relação complexa entre memória e história, enfatizando como a memória influencia a forma como interpretamos e contamos a história. O presente também desempenha um papel fundamental nessa relação, moldando nossa perspectiva e interpretação dos eventos históricos.

Em conjunto, esses textos nos convidam a refletir sobre a importância de aprender com o passado, compreender o presente e projetar expectativas para o futuro. Eles mostram como a ação política, a compreensão histórica e a memória são fundamentais para a construção de uma sociedade justa, livre e democrática.

Essas obras, embasadas em análises científicas e teóricas, estimulam a reflexão crítica sobre a condição humana e o papel dos indivíduos na construção do futuro. Ao explorar as categorias históricas, a ação política autêntica e a influência da memória na interpretação da história, esses textos nos oferecem ferramentas intelectuais para enfrentar os desafios contemporâneos e buscar um futuro mais promissor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. O conceito de História - Antigo e Moderno. In: Entre o passado e o futuro. 8ª Ed. São Paulo: Perspectiva.

HARTOG, François. Memória, história, presente. In: Regimes de Historicidade. Presentismo e expe-

riências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 133-191.

JUNIOR, Garcia. Pela Monarquia. *Jornal O Brazil*. 15 de abr, p. 2, 1896.

KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas”. In: . *Futuro passado: Contribuição à semântica do tempo histórico*. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora da PUC-Rio, 2006, p. 305-327.